

José Varella



Líder do PSDB no Senado encarna os papéis de principal crítico do governo e de defensor do ex-presidente tucano

LEONARDO CAVALCANTI

DA EQUIPE DO CORREIO

Três semanas depois de deixar o Palácio do Planalto, Fernando Henrique Cardoso mandou um recado ao principal defensor do governo tucano no Congresso: "Arthur, não bata no Palocci a ponto de derrubá-lo, mas também não o elogie a ponto de queimá-lo". A frase revela a montagem da estratégia de oposição dos derrotados e o papel do atual líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio Neto, 57 anos. O político amazonense ataca todos os dias ações do governo Luiz

Inácio Lula da Silva, mas evita morder o ministro da Fazenda, Antonio Palocci.

A manutenção da política econômica dos tucanos por Palocci levou os caciques do PSDB a preservar o ministro das críticas. Mas o restante da equipe de Lula, incluindo o próprio presidente, é atacada todas as vezes que um repórter aparece na frente de um tucano. E o mais ácido deles é Arthur Virgílio. "O Arthur é o político que apresenta com mais facilidade a voz do PSDB", diz o deputado federal paulista Alberto Goldmann. É como se Arthur Virgílio acumulasse os cargos de porta-voz do PSDB e de Fernando Henrique.

O pitbull de FHC

— Não tenho contrato assinado para ser o porta-voz de Fernando Henrique, mas reajo se falarem mal dele.

A fidelidade canina do senador Arthur Virgílio Neto ao ex-presidente tucano o levou a trocar acusações pelos jornais com o atual controlador-geral da União, Waldir Pires, um antigo aliado de seu pai, Arthur Virgílio Filho (1921-1987). Quando Pires foi ministro da Previdência no governo José Sarney, Virgílio Filho era o presidente do extinto INPS. Depois de nomeado controlador-geral de Lula, Pires fez algumas referências a irregularidades na gestão de Fernando Henrique. Mesmo respeitando o amigo do pai, o senador Arthur Virgílio não perdeu a chance de rebater as acusações. "Falei mesmo que as generalizações e as atitudes politizeiras eram uma forma de desonestade", diz, com voz grave.

Na quinta-feira, ao receber o Correio no gabinete da liderança do PSDB no Senado, Arthur Virgílio interrompeu a entrevista por quatro vezes. Em menos de três horas, conversou por telefone com os governadores de Minas, Aécio Neves (PSDB), e do Amazonas, Eduardo Braga, e recebeu o líder do PFL no Senado, José Agripino (RN), e o deputado Alberto Goldmann, aquele que considera Arthur Virgílio o porta-voz do PSDB. Durante a conversa, tirou o paletó, afrouxou a gravata vermelha e deixou à mostra as iniciais do nome bordadas na camisa listrada, A.V.N. É impossível não fa-

zer nenhuma relação com o F.H.C de Fernando Henrique Cardoso — reduzir nomes a siglas parece ser um hábito dos tucanos.

Se o entrevistador não pontuar a conversa, interrompendo-a vez por outra, Arthur Virgílio não pára. Pilhado, emenda um assunto no outro. E para cada assunto, uma frase de efeito. "A política econômica do governo é como as mulheres inglesas, certinhas e sem graça", afirma ele, criticando a decisão do Banco Central da última quinta-feira de baixar em apenas um ponto percentual os juros básicos da economia. "Acabo me divertindo com isso", admite o senador, que é capaz de repetir uma frase apenas por achar que o interlocutor está desatento. "Uma coisa mudou de cara com o governo Lula: a qualidade da oposição", diz, repetindo a declaração duas vezes.

Diplomata

Arthur Virgílio nasceu em Manaus no dia 15 de novembro de 1945. A política sempre o acompanhou. O pai foi deputado federal e senador até 1969, quando teve o mandato cassado e os direitos políticos suspensos por 10 anos com base no Ato Institucional nº 5. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, Arthur Virgílio entrou oficialmente na política em 1966 ao filiar-se ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido de oposição ao regime militar. Em 1975 ingressou no

Instituto Rio Branco e chegou a primeiro-secretário do Ministério das Relações Exteriores. Em 1982, de volta ao Amazonas, conquistou uma vaga na Câmara dos Deputados pelo estado.

A única derrota nas urnas ocorreu em 1986, quando disputou o governo do estado contra Amazonino Mendes. Depois, foi prefeito de Manaus, deputado federal por mais duas vezes e, no ano passado, o político mais votado do estado, ganhando uma das vagas para o Senado. "Quem fez esportes na vida, como eu, é sempre uma pessoa obstinada", diz Arthur Virgílio, que foi lutador de jiu-jitsu. "Respeito o Arthur Virgílio como interlocutor e oposicionista. Ele não é um político dissimulado. Mas acho que deixa de reconhecer as virtudes do governo federal", afirma o líder do PT no Senado, Tião Viana (AC).

O próximo passo político de Arthur Virgílio será tentar se eleger governador do Amazonas em 2006. Até lá, será o opositor ferrenho do governo Lula — e não evitárá câmaras de televisão ou máquinas fotográficas. E sempre repetirá frases até se convencer que empalhou alguma notícia nos jornais. "Tem apenas uma coisa que me preocupa nisso tudo. Será que Lula vai ficar com raiva de mim? Eu gosto dele e não gostaria que o presidente desgostasse de mim." Lula já não está com raiva? "Acho que ainda não, mas até o final do mandato acho que vai acabar ficando."

COLABOROU THIAGO VITALE JAYME